

PINGA-FOGO

■ GILMAR ACERTA NA MOSCA: A CRISE DO STF AFETA ELEIÇÕES - O melhor lampejo de lucidez sobre esta crise do STF foi do ministro Gilmar Mendes, que falou do reflexo dela nas eleições. Ela já se manifesta nas pesquisas e na queda da aprovação do governo Lula. Um efeito colateral para quem passou a governar fazendo um pacto com o Judiciário. A crise do Supremo pega de proa Lula e o seu projeto de reeleição. Não se trata de nenhuma artimanha do ministro André Mendonça, mas do contrato milionário da família do ministro Alexandre de Moraes e as suas trocas de mensagens com o banqueiro contratante.

■ É A SEGUNDA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL QUE ALEXANDRE DE MORAES PROTAGONIZA - É um paradoxo, mas esta é a segunda eleição presidencial que tem o ministro do STF como protagonista. Em 2022, ele era presidente do TSE e, literalmente, presidiu as eleições, coibindo as redes sociais, limitando a liberdade de expressão de parlamentares e quebrando as pernas da direita. Lula e Jair Bolsonaro viraram meros coadjuvantes de uma eleição protagonizada pela vontade e caneta do presidente do TSE.

■ Agora, ele volta a protagonizar, como pivô de uma crise ao inverso: deixou de ser o atirador e virou alvo. Só que os seus atos estão chamuscando os aliados e parceiros beneficiados pela sua atuação em 2022. Mas mantém o protagonismo, deixando Flávio e Lula como coadjuvantes.

■ O LULA 3 E O PACTO COM O JUDICIÁRIO - O PT, no segundo governo Lula, fez uma aliança com as oligarquias e casou com as famílias mais poderosas na economia. Especialmente as empreiteiras, duas, aliás, com DNA baiano, estado em que o Lulismo reina. Fez aliança com os Odebrecht e os Mata Pires, da OAS, além da indústria naval. A Petrobras foi a coluna vertebral deste acordo implodido pela Lava Jato.

■ Depois de preso e de sentir o peso do Judiciário, o Lula 3 resolveu governar fazendo um pacto com o Judiciário e, agora, paga o peso da crise do STF. É fácil identificar esta relação de proximidade.



claudio.magnavita@gmail.com

MAGNAVITA


@columamagnavita

Rock in Rio: um festival de Rock, um festival de personalidades - I

FOTOS FRED PONTES



O secretário da Casa Civil do RJ, Flávio Willeman, com o presidente da Riotur, Bernardo Fellows



O jornalista Ricardo Bruno com a esposa Danielle Teixeira e a primeira-dama de Maricá, Gabriela Lopes



O presidente da Enel Rio, Francesco Moliterni, com Stefania Cappellano

■ Lula foi reabilitado e pode concorrer após uma decisão monocrática de Fachin (hoje presidente do STF), nomeou o seu advogado e afilhado para uma cadeira do Supremo, Cristiano Zanin, e o seu ministro da Justiça e fiel escudeiro, Flávio Dino, para outra vaga.

■ LULA VALORIZOU ALEXANDRE DE MORAES - Lula aceitou e azeitou uma relação de proximidade com Alexandre de Moraes (apesar do seu papel no impeachment da Dilma e de ser da confiança de Michel Temer), que pode indicar o seu favorito para a sucessão de Augusto Aras na Procuradoria Geral da República e refinou todos os avanços que ele promoveu para “matar a cabeça da serpente da direita”, como disse após a eleição, com a prisão de Jair Bolsonaro

■ Neste pacto de governança com o Judiciário, desprezando a classe política da governança do Lula 1 (Mensalão), esqueceu que os seus parceiros são vitalícios e possuem uma coisa que ele não tem: tempo.

■ Quem tem mandato enfrenta a ampulheta do tempo que se esvai. A crise do STF contamina Lula. Ele nunca imaginaria que o algoz de Bolsonaro e matador de serpente tivesse enroscado em um contrato milionário com um contratante preso. O Governo Lula 3 tem as suas bases no pacto com o Judiciário e a atual crise pega em cheio esse seu irmão siamês, da mesma forma que a Lava Jato pegou as oligarquias que eram sócias do Lula 2.

■ O JUDICIÁRIO É VITALÍCIO E O TEMPO DE LULA É FINITO - Voltando ao tempo... Faltam quatro semanas para as eleições. Lula já perdeu esta semana com o STF atolado na sua maior crise. Faltam três. Se Flávio Bolsonaro ficar em casa e não mexer uma palha estará eleito. Já aparece na frente até em Minas. O STF não irá colocar o caso em plenário se não estiver previamente acordada uma solução. Para isso é necessário tempo para um acordo que não sairá tão fácil. Tempo que Lula não tem.

■ GILMAR MENDES E O DIAGNÓSTICO DE UM GOVERNO TERMINAL - O olhar de Gilmar Mendes foi preciso. A crise do STF impacta totalmente o processo eleitoral. Gilmar quer levar ao plenário a decisão do afastamento do diretor-geral da Polícia Federal, Andrei Rodrigues. Se o mantiver, estará levando a nuvem de suspeição já criada pela mídia de volta ao Planalto. É um caso que se enquadra no ditado popular “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. Neste jogo, a caneta de André Mendonça - que muitos acreditam ter inspiração divina - embaralhou ainda mais o jogo. O Gênesis da questão foi o Lula 3 governar em um pacto com o judiciário e assistir uma das colunas de sustentação ruir por causa de um contrato de R\$ 131 milhões. O desmoronamento eleitoral é inevitável. O eleitor já compreendeu que André Mendonça estava sendo monitorado por um preposto de Lula.

■ UMA CARTA PARA ENTRAR PARA OS ANAIS DA HISTÓRIA PELA DIGNIDADE DOS SEUS SUBSCRITORES - Se o atual plenário do Supremo está rachado, os 13 ministros aposentados, entre eles ex-presidentes, deram o seu alerta para salvar a instituição. Não existe a figura de ex-ministro. Uma vez no STF, será eternamente ministro, apenas aposentado, mas serão de forma vitalícia os guardiões da instituição mais nobre do Judiciário. O alerta e a carta conjunta têm destinatário certo: Edson Fachin e a ampulheta do tempo, além é claro de pedir uma decisão colegiada. Esses Deuses do Olimpo assinaram uma carta que entrará para os anais da história. São treze subscritores que honraram a toga e dignificaram o Supremo. Juntos têm autoridade moral para pedir a faxina necessária para salvaguardar a instituição.

■ O IMPEDIMENTO DE RICARDO LEWANDOWSKI - O ministro aposentado do STF Ricardo Lewandowski afirmou que soube da carta pela mídia, mas que não assinaria se fosse convidado. Um especialista em STF foi certo: “Como ele poderia assinar? Ele tinha um contrato assinado com o mesmo contratante do escritório da família de Alexandre de Moraes?”. Estaria naturalmente impedido.

■ GALÍPOLO E UMA RELAÇÃO CIVILIZADA COM FLÁVIO - Os ventos estão tão favoráveis ao senador Flávio Bolsonaro que já se sente um clima de relação civilizada entre o candidato e o presidente do

Banco Central, Gabriel Muricca Galípolo, que ficará no cargo até 31 de dezembro 2028. Já tem gente no PT furiosa com o diálogo que está sendo estabelecido entre Galípolo e a turma de Flávio. Um clima sem a hostilidade que Roberto Campos Neto enfrentou do Governo Lula.

■ ACENOS DE HADDAD À FARIA LIMA - Outro cheiro de queimado que tem irritado a turma do PT são os acenos de Fernando Haddad para a turma da Faria Lima. Com a iminência do naufrágio da sua candidatura ao Palácio dos Bandeirantes e o furo do casco da reeleição de Lula com a crise do STF, é necessário e compreensível que Haddad pense na sua sobrevivência nos próximos quatro anos. Ele já deu a sua cota de sacrifício.

■ RÉQUIEM PARA O VAREJO BRASILEIRO - O Brasil teve nas últimas semanas uma saída bilionária de investidores estrangeiros, especialmente americanos. Parece até coisa sincronizada. Isso manterá os juros em alta e agravará a crise das gigantes do varejo.

■ Não causará surpresa se este cenário hostil seja a oportunidade para mudanças societárias nas maiores empresas varejistas brasileiras que estão sufocadas pelos juros. Se ocorrer da forma que já se fala em boca pequena e em pequenos jantares em São Paulo, esta fuga de investidores vai parecer partitura de uma orquestração muito bem feita. Todo mundo vai ser comprado na bacia das almas.